

## A CIDADE DOS VENCIDOS: SÃO LUÍS, SEUS ESPAÇOS E USOS EM JOSÉ DO NASCIMENTO MORAES<sup>1</sup>.

Adriana Gama de Araújo<sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19520399>

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a cidade de São Luís do Maranhão, na Primeira República, presente no romance *Vencidos e Degenerados* de José do Nascimento Moraes, publicado em 1915. A partir do diálogo entre História e Literatura, investigamos de que maneira o autor elabora a história de uma cidade que, após a libertação dos escravizados e a chegada da República, permanece atrelada a antigos preconceitos de cor e mergulhada em uma letargia econômica devido a permanências de ordem social e cultural, buscando compreender as relações dos indivíduos entre si e com os espaços da cidade a partir das questões literárias, raciais e urbanas.

**Palavras-chave:** história; literatura; cidade; Primeira República.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the city of São Luís, during the First Republic, as presented in the novel *Vencidos e Degenerados* by José do Nascimento Moraes, published in 1915. Based on the dialogue between History and Literature, we investigate how the author elaborates the history of a city that, after the liberation of the enslaved and the arrival of the Republic, remains tied to old prejudices of color and plunged into an economic lethargy due to permanences of social and cultural order, seeking to understand the relationships of individuals among themselves and with the spaces of the city based on literary, racial and urban issues.

**Keywords:** history; literature; city; First Republic.

## 1 INTRODUÇÃO

A investigação da obra *Vencidos e Degenerados*<sup>3</sup> surgiu do desejo de ler a paisagem literária descrita por José do Nascimento Moraes buscando seus vínculos com a cidade. Procuramos, não aqueles que se constroem “naturalmente” pelo encontro obrigatório dos pés com o chão que os sustenta, mas aqueles que se dão no carinho intrínseco às preferências de ir por esta e não por aquela rua, de deixar-se demorar nas esquinas e nos pontos onde a cidade converte-se em espaço de aconchego para as conversas do dia a dia e das maledicências que animam o cotidiano; mas,

<sup>1</sup> O presente texto recolhe argumentos de parte do terceiro capítulo da dissertação de mestrado: ARAÚJO, Adriana Gama de. **Em nome da cidade vencida:** A São Luís republicana em José do Nascimento Moraes (1889 – 1920). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2011.

<sup>2</sup> Secretaria de Educação do Maranhão – SEDUC-MA e Secretaria Municipal de Educação de São Luís – SEMED - adriacaslz@hotmail.com

<sup>3</sup> MORAES, José do Nascimento. *Vencidos e Degenerados* (chronica maranhense). Maranhão: Typographia Ramos d’Almeida & Comp. Sucessores, 1915. Embora tenhamos acesso a esse volume que corresponde à primeira edição da obra, utilizaremos para fins de referência nas citações posteriores a 4ª edição que é de 2000.

principalmente, aqueles vínculos que a transformam em cúmplice de um projeto que é pessoal e, neste caso, de toda uma geração literária.

Recordamo-nos que, ao contar sobre a Istambul de sua infância e juventude impressa em suas memórias, o romancista turco Orhan Pamuk nos mostra como a memória que temos da cidade em que vivemos e mesmo de nossa vida podem ser modeladas por tantas outras histórias alheias às nossas lembranças, pois “da mesma forma que ficamos sabendo das nossas vidas por intermédio de outros, também deixamos que os outros acabem dando forma à nossa compreensão da cidade em que vivemos” (Pamuk, 2007, p.16). É a partir dessa compreensão da força que determinadas narrativas têm sobre o tempo, o espaço e as vidas que se propõem lembrar, que procuramos conhecer a cidade de São Luís do Maranhão.

*Vencidos e Degenerados* surge no cenário literário maranhense, ao que parece, como uma reclamação. Sua narrativa oscila, de maneira vigorosa, nas duas direções que envolvem o ato de reclamar: a queixa e a reivindicação. É assim que José do Nascimento Moraes escreve seu romance sobre a cidade de São Luís da virada do século.

Ficcionalizando a vivência urbana que começa a partir do dia 13 de maio de 1888 e elaborando um enredo que se estende pelos primeiros anos da República, nosso autor compartilha com o leitor um olhar sobre a reorganização de um cotidiano cheio de esperança, resignação, disputas e preconceitos. Em meio a tantos sentimentos, ele nos oferece uma leitura significativa sobre a cidade naquilo que ela tem de mais íntimo: os costumes, os vícios e os desejos de seus habitantes.

Nascimento Moraes era um jornalista seduzido pela escrita. Gostava de tê-la como “arma” e como “casa”. Com ela se defendia e atacava, sob ela se abrigava. Dos seus quase oitenta anos de existência, mais de cinquenta foram dedicados ao labor jornalístico, usufruindo de seus reveses e de suas honras. Acumulava com o dever de informar, o de educar. Era professor. Seu caminho era o das letras, do que se podia ganhar com elas, do que se podia sofrer por elas. Entre aulas e notícias, escrevia contos, crônicas, poesias... Escreveu um romance. Nele, usou de toda sua destreza, ainda que o tenha escrito, como ele mesmo afirma, nos seus “primeiros anos de vida literária”, para incitar e orientar o olhar do leitor para questões que o afetavam diretamente<sup>4</sup>.

Moraes nos conta a história de uma cidade que após a libertação dos escravizados e a chegada da República permanece atrelada a antigos preconceitos raciais e mergulhada em uma letargia econômica devido a permanências de ordem social e cultural.

---

<sup>4</sup> No prefácio de *Vencidos e Degenerados*, Moraes explica o seguinte: “Escrevi-o nos meus primeiros anos de vida literária, quando se me rasgavam as primeiras linhas do horizonte, quando sentia as primeiras impressões”. (2000, p.297)

Nascido em 1882, era filho do sapateiro Manoel do Nascimento Moraes, um mulato, ex-combatente da Guerra do Paraguai, que não foi premiado, e tampouco mereceu qualquer promoção ao final desta, por ser analfabeto. E de Maria Catarina Vitória, que de posse de seu “alvará de libertação da escravatura” passou a vender bananas para ajudar no sustento da família. O período de formação intelectual de Nascimento, que não ultrapassou o curso preparatório do Liceu Maranhense (e uma rápida passagem pela academia militar, fruto de sonhos da juventude logo dissipados, cuja única herança foi a qualificação nos saberes matemáticos), ocorre durante a transição do século XIX para o XX e que, além das transformações de ordem política e social, traz para o Maranhão um processo de reorganização econômica, com a desagregação da lavoura algodoeira de exportação e uma espécie de “ansiedade” cultural.

Pertenceu, pois, a uma geração literária que tem sua movimentação nos anos correspondentes à Primeira República, e ficou oficialmente conhecida como *Novos Atenienses* - denominação oficializada com o título de uma obra de Antônio Lobo, intelectual e um dos expoentes dessa geração, publicada em 1909 com pretensões de servir de subsídio para a história da literatura maranhense. O que chamamos, aqui, de “ansiedade”, pode começar a ser entendido a partir da própria denominação do grupo. Uma necessidade de se afirmar enquanto herdeiros de um destino literário de glórias, os herdeiros da Atenas Brasileira, formada por uma plêiade de nomes como Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Coelho Neto, Sousândrade, os irmãos Artur e Aluísio Azevedo e tantos outros conhecidos nacionalmente e que se afirmaram no cenário das letras nacionais.

O romance de Nascimento Moraes se insere num contexto em que a problemática e a expectativa desses intelectuais consiste em entender e dar respostas aos seus anseios em relação ao futuro, tendo como referencial para isso um passado cultuado como glorioso e, para eles, condizente com o potencial maranhense (mais objetivamente, o potencial deles próprios). E na tentativa de afastar o que entendiam ser uma “tristíssima e caliginosa noite” que se abatia sobre as letras, para usar as palavras de Antônio Lobo, eles começaram a promover uma série de ações que permitissem o despontar de uma “nova aurora”<sup>5</sup> para a literatura maranhense.

Foi, sobretudo, com o jornalismo que Moraes reuniu as condições, material e moral, para o que ele chamou de “luta” de uma vida inteira<sup>6</sup>. Na maioria das vezes, fazia um jornalismo

---

<sup>5</sup> Título de uma obra do neo-ateniense Astolfo Marques, uma novela, publicada em 1913 que tratava dos acontecimentos relativos à transição do século XIX para o XX no Maranhão.

<sup>6</sup> Moraes trabalhou em muitos jornais como colaborador ou redator-chefe (*A Campanha, O Maranhão, A Pátria, Diário de São Luís, O Jornal, A Tribuna, A Hora, Diário do Norte, Diário Oficial, Correio da Tarde, A Imprensa, Regeneração, Diário do Maranhão, O Imparcial*, só para citar alguns), chegando, enfim, à chefia do *Diário Oficial do Maranhão* durante o período Estado-Novista na interventoria de Paulo Ramos (1936-1945).

oposicionista, criticando o que denominava de “maus governos”. O que mais nos chama atenção em seus escritos é a intimidade com o cotidiano da cidade e de seus moradores. Mesmo nos textos predominantemente fictícios, nos deparamos com muitos personagens reais da época na qual foram escritos ou os que ainda surgiam das lembranças de infância e juventude bem vivas na memória de nosso escritor. Os becos e ruas percorridos pelos personagens, as festas, os pontos de encontro, a “cana-capim” no botequim, o dia a dia do comércio, tudo contado com a trivialidade de quem tinha esses caminhos e essas vivências por companheiros diários.

Quase toda sua produção está dispersa nos jornais. Os livros publicados, salvo seu romance *Vencidos e Degenerados*, surgiram das iniciativas de outras pessoas de reunir seus artigos e contos para que não se perdessem no tempo e dessem uma maior visibilidade à sua obra e ao seu nome de uma forma mais consistente. O extenso e intenso labor jornalístico, rendeu-lhe espaço e reconhecimento como homem de letras. Assim, a aproximação de Moraes com a cidade trouxe a legitimidade necessária para se afirmar enquanto membro de uma geração de intelectuais.

Longe de figurar entre as cidades que implementaram grandes projetos de planejamento urbano no início do século XX, a capital maranhense viu muitos de seus desejos de reforma, nesse período, permanecerem irrealizados. Assim, para uma cidade com planos de modernização impressos mais no papel que nas ruas, pensar o espaço em sua relação com o indivíduo, é perceber uma reapropriação que atualiza o urbano. Práticas que se integram ao cotidiano da cidade e ajudam a recompor a sua espacialidade.

Nos primeiros anos do Maranhão republicano, essas intenções de planejamento e racionalização urbana foram apresentadas por meio de elaboração de relatórios médicos e de engenharia para resolução de problemas na capital e leis que almejavam a organização e aformoseamento urbano (Porto, 1910). Não foram feitas, porém, grandes alterações na planta da cidade além de um alargamento em seu perímetro devido à instalação do conjunto fabril, pois algumas firmas instalaram-se longe do núcleo central da capital (Ribeiro Jr, 1999, p. 71-72). Posterior a esse alargamento, foram feitas concessões de habitação ao redor das fábricas para sua mão-de-obra, originando bairros operários que permitiam uma desconcentração populacional e um maior controle sobre essa camada social (Melo, 1990, p.40). Assim sendo, é a partir da dinâmica urbana que orientamos a percepção do traço dessa paisagem agora republicana e de negros livres.

A São Luís de *Vencidos e Degenerados* constrói-se sobre perspectivas de mudanças que não ocorrem, pelo menos não da maneira que o século XX e a República pareciam reivindicar, com grandes reformas *à la* Rio de Janeiro em tempos de Pereira Passos. O seu espaço é o do centro comercial erguido com a riqueza da agroexportação e o das novas áreas adjacentes que abrigaram as

fábricas e seus operários. Hoje, essa área é o centro da cidade, a parte antiga que compreende o Centro Histórico. São os bairros da Praia Grande, do Desterro, da Madre Deus que abrigam os caminhos para os passos dos personagens. Desta maneira, é o caso de perguntarmos: como estes indivíduos criados por nosso autor se apropriam desse espaço? Ou melhor, como Moraes se apropria dele para, a partir da narrativa de seus personagens, expressar e legitimar seu discurso?

A cidade é, então, observada e analisada a partir daquilo que Bernard Lepetit chama de “hermenêutica urbana” (Lepetit, 2001). Ou seja, o entendimento do que seja realmente a cidade é resultado da apropriação que seus habitantes fazem dela. É assim que ela é percebida, interpretada. Suas mudanças são observáveis a partir das relações estabelecidas pelos personagens de Moraes e do modo como usam o espaço urbano.

Analisamos o cotidiano da São Luís de Nascimento Moraes. Percorremos com ele os caminhos da cidade nas suas dimensões pública e privada. Observamos os usos e os comportamentos dos personagens nessas respectivas espacialidades e tudo o que faz parte da dinâmica desse cotidiano. As divisões de ordem social e física que caracterizam os espaços do trabalho e das festas na capital. As tensões e o convívio entre os diferentes grupos sociais e como são dispostos pelo autor no ambiente urbano. As lutas pela sobrevivência e as denúncias referentes às condições em que se vivia nessa cidade do início da República. E, principalmente, como essa cidade literal e literária acolhe e responde às suas expectativas.

Em *Vencidos e Degenerados*, publicado em 1915 e escrito no período imediatamente anterior, ou seja, nos primeiros anos da República, temos um texto que não é prioritariamente impregnado do discurso médico-higienista norteando a caracterização da cidade. Comumente, neste período, era o olhar do médico e do engenheiro aliado às intervenções políticas de planejamento e reforma que delineavam o espaço urbano (Matos, 2007, p.24). Entretanto, a São Luís do romance de Moraes era uma cidade que, mais que limpa, deveria ser literária. Literária e negra. As tensões e problemas apresentados na narrativa estão relacionados a essas duas condições. Primeiro, temos uma situação de decadência econômica que interfere no plano cultural e leva os neo-atenienses à exposição e problematização da crise maranhense sempre com um saudosismo pela literatura proeminente no século XIX. Isso já implica na adaptação da busca pelo progresso com elementos do passado e num entendimento de que só a literatura tirará o Maranhão da crise. Em segundo, temos em Moraes a apresentação de uma cidade marcada pelo preconceito racial, mas que é explicitamente negra, sendo essas permanências discriminatórias obstáculos para o desenvolvimento da mesma.

A ideia de “reclamação” sugerida ao início para qualificar a impressão que o texto nos causa, encontra sua justificativa no pouco reconhecimento, tanto da terceira geração literária maranhense no cenário nacional quanto de Nascimento Moraes por sua condição de homem negro na elite intelectual de sua terra. O autor queixa-se da inércia econômica e cultural e dos vícios e costumes remanescentes do período da Escravidão para, assim, reivindicar a consideração que lhe cabe. O livro é uma descrição e análise pormenorizada desse cotidiano pós Abolição ainda cheio de permanências. Como ratifica Jean-Yves Mérian, especialista na obra de Aluísio Azevedo, ao expressar sua opinião sobre o romance de Moraes na revista literária da Universidade da Alta Bretanha, *Nouvelles Études Luso-Brésiliennes*, cujo fragmento foi publicado na terceira e quarta edições de *Vencidos e Degenerados* (1982 e 2000):

(...) graças a um estilo onde a vivacidade dos diálogos permite-nos apreciar certas descrições demasiado longas, o escritor faz-nos descobrir com realismo os mecanismos que animam esta sociedade conservadora, medíocre, impregnada de ideias racistas e de toda sorte de preconceitos. Aos que conheceram *O Mulato* a leitura de *Vencidos e Degenerados* traz a impressão de um mundo já conhecido e também a concepção de um sentimento de impotência de uma cidade decadente que vive da lembrança da época em que era a terceira metrópole do Brasil. Certas passagens desta crônica da vida do Maranhão são verdadeiros documentos sociológicos.

A cidade, portanto, é aquela que tem sua rotina pensada a partir das expectativas do 13 de Maio, quando a sua população negra pode, finalmente, sonhar com alguma possibilidade para além do destino do cativo. Atrelado a isto, temos uma cidade que anseia por novamente figurar entre as mais cultas do Brasil. O reconhecimento literário é o objetivo maior de Nascimento Moraes e dos protagonistas da obra. Reconhecimento possível apenas se acompanhado das condições materiais e sociais cabíveis que também permitirão o desenvolvimento do potencial intelectual intrínseco, segundo seu discurso, a todos os maranhenses.

## 2 SOBREVIVENTES DE UM COTIDIANO INGLÓRIO

A cena de abertura de *Vencidos e Degenerados* acontece na manhã de 13 de Maio de 1888. Muitas pessoas esperavam ansiosas pela confirmação da grande notícia da Abolição. Gente de todas as classes sociais, “desde o funcionário público e o homem de letras até artistas, operários livres, não faltando vagabundos e desclassificados”. Vários foram os preparativos que aguardavam apenas os sinais do telégrafo para principiarem as comemorações na casa de José Maria Maranhense. O primeiro personagem da trama “era um dos mais ardorosos e salientes cabos-de-guerra do abolicionismo” e membro do Clube Artístico Abolicionista (Moraes, 2000, p.27). A caracterização dos personagens na obra segue, geralmente, um mesmo padrão. Cor, tipo físico, profissão e seu grau

de inclinação para o saber e as letras. No caso de Maranhense, que pelo sobrenome já encarna a representação do grosso da sociedade em questão, “era mulato... contava com quarenta e tantos anos, grisalho, gordo e simpático. Marceneiro de profissão e estudante nas horas vagas. Tinha decidido gosto pelas letras, pela ciência, por tudo enfim que fosse do domínio da inteligência” (Moraes, 2000, p.32). A falta de tempo para os estudos, o abolicionista compensava cultivando o espírito se relacionando com os literatos.

Os dois personagens principais, João Olivier e seu filho adotivo Cláudio Olivier, eram jornalistas. João “era mestiço e fora com dificuldade que se colocara na imprensa e se fizera guardalivros de importante casa comercial. Era um cronista excelente e sustentava no jornal as graças e as louçanias do dizer castiço e vernáculo” (Moraes, 2000, p.28). Filho de uma branca, D. Rita, descendente de uma das mais ricas e orgulhosas famílias de Alcântara e de um mulato também de linhagem aristocrática entre os negros daquela cidade, o cronista exaltava-se ao constatar que sua ascendência e sua inteligência pouco pesavam numa cidade cheia de tradicionalismos retrógrados onde a competência não garante espaço numa sociedade que ainda vive sob a égide de velhos costumes e que é marcada por preconceitos tanto sociais quanto raciais. Cláudio fora adotado pela família Olivier, era um mulato filho de dois ex-escravizados. Herdou o amor às letras de João, seguindo seus passos nas lides jornalísticas e também dava aulas para completar o ordenado mensal.

Os pais biológicos de Cláudio são Domingos Daniel Aranha e Andreza Vital. Esta última ganhou a liberdade com o 13 de Maio. Era uma mulata alta, magra, séria e de atos comedidos. Aranha era um mulato alto de meia idade que trajava calça e camisa branca, chapéu de palha ordinária e não calçava (costume dos tempos de cativo). Todos conheciam-lhe a fama pelas bravatas que constantemente praticava. Era capoeira. Inteligente e penetrante de espírito, passara a exercer grande influência sobre o ânimo de seu senhor, um homem covarde de índole má e perversa. Aranha “ria de sua fraqueza, pensava e refletia sobre ela, como quem resolve um problema filosófico”. Recebeu alforria em agradecimento quando aquele estava no leito de morte e não esboçou nenhuma emoção ao saber da notícia da liberdade. Assim que pôde foi para São Luís trabalhar como sapateiro, ofício que aprendera há muito tempo. Encontrou-se, nos caminhos da sobrevivência, com Olímpio Santos, um preto retinto alto e magro que trajava habitualmente fraque e colete preto. Também era sapateiro e trabalhavam, os dois, numa meia-morada da qual Olímpio era proprietário, lugar onde também moravam.

Os outros dois personagens negros que dão vida às intenções de Nascimento Moraes e povoam a cidade de São Luís são Zé Catraia e João da Moda. O primeiro “tinha alguma coisa de orador popular. Quando falava unia a palavra ao gesto, rasgava demoradamente o vocábulo, tinha

tons e semitons com que coloria as suas frases, que se não primavam pela pureza e precisão vernácula, não eram também amostras de idiotismo e mau gosto sintático” (Moraes, 2000, p.45). Zé Catraia é aquele que encarna o delator dos “vícios” e “maus costumes” da sociedade. Está em vários lugares da cidade, observando e emitindo juízos sobre o comportamento das pessoas. João da Moda era um mestiço que possuía uma casa que servia como ponto de encontro para poetas, músicos e escritores excluídos das rodas oficiais da intelectualidade ludovicense. Era considerado “a musa inspiradora de todos os degenerados e vencidos da vida” (Moraes, 2000, p.125).

Completando o elenco, temos o português João Machado, cujo apelido é *Paletó Queimado* devido a um episódio citado, porém, não explicado, dono de uma quitanda no beco conhecido como Travessa do Precipício, mas que, posteriormente, será um capitalista importante, um dos diretores do Banco Comercial e grande amigo de João Olivier desde que foi arrebatado pelas imagens que lhe produziram na alma o discurso deste no dia da Abolição (Moraes, 2000, p.60). A outra personagem feminina da obra de Moraes é Armênia Magalhães, filha do falecido Coronel Magalhães, comendador da Rosa e chefe de uma das famílias mais ricas do Maranhão. Sua família foi decaindo da posição de opulência após a morte do pai, com sua riqueza sendo dissipada pelos irmãos, assim como o respeito que lhe dedicava a sociedade, principalmente os homens, quando, aparentemente indefesa, passou a resistir aos galanteios daqueles que, antes, pareciam ser, para ela, respeitáveis pais de família. Recebeu educação esmerada, era “versada nos autores clássicos e literatura contemporânea, seu espírito tinha cintilações belíssimas” (Moraes, 2000, p.132-135). Escolheu Cláudio Olivier para amante no intuito de afrontar a sociedade que lhe fechou as portas.

É em torno desses personagens e seus coadjuvantes que se constrói o romance. A discussão proposta busca entender a maneira escolhida pelo autor para elaborar a paisagem e problematizar o contexto da São Luís republicana. Observemos que, na obra, as duas mudanças políticas, a Abolição e a Proclamação da República são a base para a reorganização do cenário da cidade. Contudo, somente a festa pela Abolição recebe destaque. Só ela é narrada com os pormenores da ansiedade e da comemoração. Depois de narrar os desdobramentos pós festa, necessários para o andamento da trama, há um salto temporal para dois anos depois da chegada da República. Tempo suficiente para se perceber os efeitos que os dois fatos poderiam operar no cotidiano da cidade.

A primeira paisagem da cidade republicana, uma cidade já sem o trabalho escravizado, de *Vencidos e Degenerados* localiza-se no Centro da cidade, mais precisamente, no bairro da Praia Grande, nas duas horas da tarde de um sábado onde “nota-se algum movimento no bairro comercial, o qual não é característico de vida próspera e feliz, mas clara denúncia de decadência e estagnação de elementos essenciais à atividade do trabalho” (Moraes, 2000, p.54). Essa apatia registrada pela

literatura foi comum nas páginas dos jornais desde que findou-se a escravidão. A falta de medidas do poder público para minorar suas consequências tornou-se alvo de pedidos e críticas, e os periódicos da capital expressavam o sentimento dos proprietários:

A falta de leis repressoras da ociosidade e fomentadoras do trabalho e de medidas que deveriam ter precedido ou acompanhado a publicação da lei de 13 de Maio é sem dúvida a causa da desorganização do trabalho agrícola e de outros males, para debelar os quais conjuramos os poderes constituídos a quem cumpre velar pelo bem público e invocamos o auxílio da Providência Divina (Diário Do Maranhão: Relatório Da Associação Comercial, 25/01/1889).

À ausência de organização e iniciativa do governo soma-se o preconceito racial que impediu de elevar o liberto imediatamente à categoria de trabalhador livre qualificado. Esta situação reforçou o desencanto com o novo contexto econômico e social que tantas esperanças alimentou, como podemos perceber na expectativa de João Olivier logo após a libertação dos escravos quando diz que:

(...) a liberdade dos negros vem contribuir para o desenvolvimento desta terra infeliz, e dar-lhe novas forças, novos elementos, novos aspectos... esta fidalguia barata virá caindo aos poucos e o princípio de confraternidade virá acabar com estas supostas e falsas superioridades do ser, que tem sido um dos mais vis preconceitos da nossa existência política (Moraes, 2000, p.67).

Aos negros libertos, os também posteriormente cidadãos da República, coube o trabalho autônomo, sem vínculos empregatícios, fora dos custos de instrução do Estado, mas dentro das preocupações de ordenamento dos Códigos de Postura (1893) e Sanitário (1904). Aranha, Olímpio e Zé Catraia eram sapateiros, João da Moda, alfaiate, e Andreza trabalhava de aluguel, que consiste em alugar sua força de trabalho para afazeres diversos e, geralmente, domésticos ou de venda na rua. Só os Oliviers, João e Cláudio, com grau de instrução reconhecido oficialmente, eram empregados.

Ao pesquisar sobre a dinâmica do trabalho exercido no espaço da rua, antes e depois da Abolição, pelos negros, Paulo Roberto Pereira Câmara conclui que houve uma ressignificação das práticas sociais relacionadas ao mundo de trabalho ainda que a prática do aluguel de trabalhadores tenha sido uma permanência do período escravista. A grande quantidade de anúncios nos jornais da capital maranhense para a contratação de vendedores de rua demonstra uma alteração das relações entre aqueles que, outrora, eram senhor e escravizado, isso porque os negros que antes eram postos para aluguel pelos seus senhores, para a realização de pequenos serviços urbanos, disponibilizavam, agora, a própria mão de obra disputando o mercado com toda a categoria de pobres livres (Câmara, 2008). Observamos que a alteração das relações não quer dizer uma transformação, pois o negro continuou na condição de subordinado. A preocupação do governo agora era como manter o

controle social, a inibição do ócio. Isso se daria a partir da difusão do valor do trabalho (Chalhoub, 2001).

O papel da mulher negra e pobre nesse novo cenário, onde se privilegia o uso do espaço público, é bem significativo na obra de Nascimento Moraes. Andreza Vital, mãe de Cláudio Olivier, era amásia do Aranha, porém, uma mulher livre e desimpedida. Morava de aluguel num cortiço, “no primeiro cubículo do lado direito do Beco do Precipício”. A proliferação de cortiços e habitações nos “baixos dos sobrados” trouxe inquietação para os defensores do padrão de civilidade e modernização característico da República. A convivência íntima dessas moradias de baixo nível com os sobradões que abrigavam as famílias da elite maranhense causava estranheza e preocupações de ordem médica e policial.

O não alargamento do perímetro urbano central gerou um déficit de moradias, situação semelhante à da Capital Federal na segunda metade do século XIX, o que resultou numa aplicação pelos higienistas do termo “cortiço” para designar toda moradia que fosse “imunda e apinhada de gente” (Chalhoub, 1996, p.88). Sobre os habitantes desses cortiços, um jornal maranhense esclarece que “os seus moradores, embora na maior parte representantes do sexo frágil, são de um gênio diabólico, por qualquer coisa chega-lhes a mostarda ao nariz e formam, por desfastio, o maior sarrilho, com todas as formalidades do ritual: palavrões, descomposturas e *tutti quanti*” (Correia, 2006, p.46).

A cidade que Moraes escreve é envolvida por uma aura decadente, ambiente influenciador do destino de seus personagens. Andreza que era “séria e de atos comedidos”, com o tempo “degenerou-se” entregando-se “ao vício da embriaguez” e “dava escândalos amiúde” (Moraes, 2000, p.102). Tal situação não se limitou à mulher, causando a permanência ou a piora das condições de sobrevivência dos demais homens negros no romance. Olímpio, o sapateiro com ares de aristocrata, perdeu a visão devido às péssimas condições de iluminação em que trabalhava fazendo serões e teve que vender a casa ao vizinho a quem devia dinheiro por causa dos empréstimos que tinha feito para pagar as décimas urbanas. Morava agora, ele e o Aranha, já alquebrado pelos anos, num “quarto muito úmido e escuro”. João Olivier falecera após voltar de Belém, cidade “para onde fora depois de alguns anos de ostracismo em sua terra”. De lá, sustentava a família, pois foi bem recebido e obteve o reconhecimento que lhe era negado em São Luís. Conseguiu boa colocação no comércio e na imprensa. Mas depois de um ano, atormentado pelas febres e doenças do fígado, retornou para “sucumbir numa manhã de abril, deixando a família em completa pobreza” (Moraes, 2000, p.100). Zé Catraia continuava em seu papel denunciador. A liberdade com a abolição não lhe trouxe maiores vantagens, já que gozava da confiança e do medo

de seu senhor devido sua “inteligência pronta” e por conhecer a “vida de todo mundo, dos princípios obscuros de todos” (Moraes, 2000, p.46). Continuava a andar pela cidade, observando e criticando seus velhos hábitos, se intrometendo nos espaços que agora lhe eram permitidos para ironizar o desconforto que sua presença causava nos demais cidadãos.

Assim como João Olivier, Cláudio sofreu a perseguição de seus conterrâneos e depois de muito tentar viver de sua pena no torrão natalício teve, enfim, que se render ao destino de emigrado. A segunda geração da literatura maranhense, que tem como representantes Coelho Neto, os irmãos Arthur e Aluísio Azevedo, Graça Aranha, Raimundo Corrêa e outros, “conhecedora dos cenários particulares e das vicissitudes da ambiência provincial, e, ainda, ciente dos processos mais profundos definidores do deslocamento do eixo da consagração das carreiras políticas, acadêmicas, literárias e artísticas para o dinâmico eixo centro-sul”, migraram e souberam se inserir no debate nacional, deixando de assumir uma postura estritamente regional (Martins, 2006, p.97-98; Borralho, 2009).

Cláudio cumpre, então, o roteiro que lhe garantiria o reconhecimento tão desejado e depois de uma temporada no Amazonas passa por São Luís, para participar das comemorações em homenagem ao 15 de Novembro (já nos momentos finais do romance), indo em seguida em direção ao sul do país. Ainda que ele e o próprio João Olivier, lamentem a falta de espaço na sua terra natal, para o desenvolver pleno do seu talento intelectual, nos primeiros anos da República, o “Rio de Janeiro era o fascínio de todos os provincianos cujas condições de pecúnia ou de talento pudessem fundamentar a justa ambição de ver seu nome luzir nas altas rodas mundanas ou nas *cotteries* literárias da Capital” (Machado Neto, 1973, p.62).

A condição de *vencido*, palavra empregada por Moraes para qualificar os habitantes de sua cidade, se estabelece pela derrota das aspirações dos personagens diante do horizonte de possibilidades que se abriu com a Abolição e a República. O termo liga-se claramente à adjetivação dos personagens de vida literária e artística, mas estende-se ao conjunto, na medida em que sofrem da mesma falta de reconhecimento e preconceito em seu cotidiano. As reuniões na casa de João da Moda, frequentadas por todos os talentos excluídos da oficial intelectualidade maranhense, funcionam como a versão popular dos saraus e bailes das altas rodas sociais onde os poetas e escritores recebiam o batismo da vida literária. Antes de participar de tais reuniões, Cláudio é advertido de que ainda não era um maranhense intelectual, não era “nada, enfim” (Moraes, 2000, p114).

A casa que abrigava as reuniões era, por todos que ali estavam, considerada um “refúgio dos desgraçados, dos perseguidos, dos vencidos da vida”. Discutiam literatura e proferiam discursos

apaixonados e regados a vinho e música. Concluía que, embora deixados de fora dos salões da elite, eram adorados pelo povo. É esclarecedora a fala de Neiva, poeta amigo de Cláudio e quem o apresentou às reuniões de João da Moda. Ao referir-se às ruas do Norte, das Crioulas, ao Largo de Santiago, atual Fonte do Bispo, todos pertencentes ao Centro de São Luís, explica que:

(...) tudo quanto escrevemos, ali se lê e se estima. Arranjam música para os nossos versos e cantam-nos com amor e comoção... Não imaginas como esses rapazes a quem vulgarmente chamam trovadores de esquina, nos interpretam, nos traduzem e nos compreendem... E essas mocinhas pobres com que delicadeza, mesmo com que graça, ferem as cordas do violão, e desferem com o queixume na voz as mágoas de nossas comoções... E é preciso que te diga mais: não há poesia inspirada de nossos líricos moços que não cantem: passam em revista o Gonçalves Dias, o Castro Alves... (Moraes, 2000, p.192-193).

A partir desta passagem, entendemos que Moraes tinha a intenção não só de mostrar, mas de elaborar uma ideia na qual a cidade, na sua trivialidade, no seu cotidiano, no seu pulsar mais simples de sua vida diária era aquela que reconhecia e legitimava o talento de todos os seus literatos. Os limites que separavam as letras dos “eleitos” e dos “marginalizados” nas instituições oficiais desfaziam-se e as confundiam na alma da cidade.

### **3 OBRIGAÇÃO E DIVERSÃO: OS ESPAÇOS E SEUS USOS PELOS NOVOS CIDADÃOS**

Tornar-se um cidadão implica na ideia de pertencimento à cidade. Relaciona-se ao uso do direito de pertencer; portanto, de ser ouvido, de opinar, de ter suas necessidades atendidas. A cidadania também se constrói na esfera social colocando em pauta as condições de um viver bem na cidade. Questões de higiene, salubridade e lazer perpassam a construção da ideia de cidadão. Diante disso, observa-se que nem todos os indivíduos podem exercer essa cidadania, pois a muitos deles é negada a legitimidade no uso do espaço urbano (Pesavento, 2001).

Após a Abolição e a Proclamação da República, os libertos passaram a fazer parte de um imenso grupo de livres pobres que figuravam como cidadãos de “segunda classe”. Tal condição representa uma continuidade da inferiorização da qual sofria o negro desde sua escravização e que o coloca sempre como o contraponto para a cidadania plena. Muito dessa representação excludente deveu-se à influência do jornal como meio difusor e construtor das “verdades” de um determinado período. O negro era sempre “o outro”, “o feio”, “o vilão”, “o sujo” na lógica do discurso dos brancos (Schwarcz, 1987, p.248-249). Sua inserção no mundo do trabalho livre trouxe para o Estado preocupações que adquiriam tons de uma grande “cruzada”: era necessário livrar a cidade republicana do perigo do liberto sem ocupação. O trabalho deveria ganhar uma conotação positiva para que se realizasse o objetivo da ordenação, da vigilância, do enquadramento deste indivíduo (Chalhoub, 2001, p.48).

## HISTÓRIA E CULTURAS

31

Em *Vencidos e Degenerados*, na cidade de Nascimento Moraes, podemos perceber as dificuldades inerentes a essa questão. Como ele afirma em sua obra, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, e todas as mudanças que isso acarreta, deveriam ter ocorrido de maneira diversa, ou seja, significando uma “renovação social”, mas só se “os ex-escravos e seus filhos depressa aprendessem a ler e a escrever e muito cedo percebessem que coisa é essa que se chama direito político. Mas não abriram escolas ao povo, não procuraram matar o analfabetismo...” (Moraes, 2000, p.77). Novamente, nosso autor destaca a necessidade do saber como caminho para se alcançar o progresso. Contudo, isso não ocorre, e seus personagens engrossam a massa de trabalhadores livres autônomos que sem uma qualificação “oficial” vão fazendo o que sabem e o que podem para sobreviver. É através de Zé Catraia, ao traçar-lhe as linhas do seu trabalho e da sua inteligência, ao admirar sua capacidade de sobrevivente e pilheriar a hipocrisia da sociedade em que vive, que o autor faz sua crítica à sorte desses homens:

No seu abandono, desmerecimento, nada lhe molestava a alma, nem lhe lacerava o amor-próprio. Fazia horas de carregação que vendia aos quitandeiros e, quando, porventura, encontrava quem quisesse calçar bem, e lhe pedia uma obra acabada com gosto, ele que era bom artista, e por isso estava à altura dos tiques do ofício, sabia, como poucos, esmerar-se, e daquele biombo sujo, sem luz e quase sem ar, onde trabalhava e morava em companhia da mais completa desordem, saía uma obra que por dias e dias, andava de mão em mão admirada à farta. E note-se: no fundo escuro da sua miséria e do seu abandono não tinha inveja ao nome mais brilhante da terra, pelo talento ou pelo capital. Porque, hábil também ele o era, e ao capital dava soberanamente o maior desprezo (Moraes, 2000, p.154-155).

Dadas as condições e as permanências sociais resultantes da mentalidade escravista, muitos indivíduos negros optaram por exercer a mesma atividade que exerciam quando cativos. Só que, a partir de agora, vendendo sua mão de obra. Muitos permaneceram nas atividades autônomas, pois eram a única maneira de sobreviverem. Assim como Zé Catraia, os personagens Aranha e Olímpio também trabalhavam “pelo ofício”, eram sapateiros com condições de trabalho iguais às suas péssimas condições de vida.

Em sua peroração sobre o trabalho, Moraes critica os vícios de costume que associam a riqueza ao nascimento e não ao merecimento e esforço. Mais uma vez afirma que a única maneira de sair de uma condição de pobreza e sacrifício é o cultivo do conhecimento. E em relação àqueles que não têm nem nome nem instrução... Resta-lhes a sorte de sobreviver, sem perspectiva de futuro, um dia de cada vez. Porque “o operário vive nas trevas. Não há escolas para os filhos dos artistas, não há mesmo um estabelecimento de ensino gratuito para os desvalidos aprenderem as artes e os ofícios! De nada disso cura o governo. O analfabetismo cresce. O operário é ignorante” (Moraes, 2000, p.209).

Os ideais de civilidade, modernização e progresso que desde o século XIX inspiraram mudanças no “corpo e na alma”<sup>7</sup> da cidade promoveram uma transformação significativa no papel da mulher na sociedade, principalmente na República. A abertura dos salões para festas e saraus e os passeios públicos colocavam-nas em contato com as ideias e os ares modernos, e a instrução pública ou particular começou a prepará-las cada vez mais para a esfera pública. As mulheres das camadas populares, por seu turno, longe dos saraus e passeios, desde sempre enfrentavam a necessidade de ganharem o sustento. Somado a isso, em São Luís na virada do século XIX para o XX, a instalação do parque fabril construiu um espaço de trabalho “marcado pela presença feminina” (Correia, 2006, p.273).

Em *Vencidos e Degenerados*, Moraes narra várias imagens desse cotidiano feminino como, por exemplo, a mulher pobre que “vivia numa casinhola de porta e janela, no Beco do Seminário, a engomar para sustentar o filho nos estudos” (Moraes, 2000, p.104); a irmã de João Olivier que auxiliava nas despesas de casa com sua costura; e Andreza Vital, com seus aluguéis que também ajudavam a manter a família que lhe criara o filho.

Nascimento Moraes nos permite ler como se movimenta ou como se comporta a cidade em espaços e momentos de festividades. As festas religiosas eram muito interessantes para se compreender a sociedade. Em São Luís, eram inúmeras, havia “para todos os gostos e devoções” e reuniam todos os grupos sociais, dos mais ricos aos mais populares. Era na rua e feita para os elementos que por ela circulavam. Moraes narra com riqueza de detalhes a paisagem e o movimento que desencadeiam essa variedade e suas tensões:

Domingo de Santa Severa.

Prolongaram-se, pela noite, como de costume, os festejos da tarde, aformoseados com a solene pompa deslumbrante do culto católico de São Pantaleão. Havia iluminação no adro que a mais e mais se enchia de gente – agradável promiscuidade de classe. A vida da festa, ruidosa, intensa, lucrativa e cativante começava a manifestar-se: animava-se a vozeria, movimentavam-se os botequins e as casas de sorte... Os fogos só se tocariam às onze horas, ou mais tarde. Por isso, muitas famílias se retiravam, acabada a reza... Outras, porém... pediam cadeiras nas casas vizinhas e se colocavam na parte superior do adro. Estas não tomam parte da festa, não riem, nem gracejam com todos: fazem rodinhas à porta, com seus conhecidos e como que apreciam a alegria do povo. Conhece-se à primeira vista que não são do bairro, e que ali se acham deslocadas... No adro de São Pantaleão, em dias de festas, não se encontram à ufa os leões da moda, os princípios da elegância e do bom tom. O bairro pode-se dizer que é da pobreza, e por isso é ela que se diverte nesses dias... A polícia é mal vista por lá, a cabroeira dos outros bairros também não é bem recebida e, assim, quando menos se espera, por causa de

<sup>7</sup> “Empregamos a metáfora do corpo para traduzir a estrutura material, as vias urbanas, o conjunto de espaços da cidade; a metáfora da alma, para designar a dimensão social que se diferenciava da materialidade: aquilo que... particularizava os desejos, o pensamento, o domínio da cultura, enfim.” In: ARRAIS [et al]. *O corpo e a alma da cidade*, p.13.

uma raparigota qualquer... a capoeiragem se desenfreia... Eram oito horas da noite e a enchente continuava. Cláudio passeava no adro (...) Junto a um armarinho em que se davam sortes a cem réis, deparou-se-lhe Andreza, a gritar com desespero pelo seu bilhete... Andreza gritava e insultava os circunstantes, empurrando-lhes violentamente... Aquilo chamou a atenção da ronda de polícia e quando um esbirro se lhe aproximou para a prender... Cláudio atirou-o, de golpe, a cinco passos de distância... (Moraes, 2000, p.94-96).

Manifesta-se, assim, a alegria de experimentar o convívio com o diverso, da convivência com outros grupos sociais, mas também as tensões inerentes a essa diversidade. O Estado é ali representado sempre pela força policial, com a função de ordenar, de inibir e punir alterações, pois, “no cerne e no rastro das festas religiosas, de grande concorrência popular, se moviam, juntamente com as devoções, os perigos da cidade” (Arrais, 1998, p.122)

#### **4 ESQUINAS E VARANDAS: AS RELAÇÕES COM OS ESPAÇOS PÚBLICO E PRIVADO**

Tanto a República quanto o novo século trouxeram uma série de transformações que vão além das questões relacionadas ao regime político e aos elementos de modernização. Entre essas mudanças encontramos uma significativa reorientação do olhar sobre as esferas pública e privada, que estavam ligadas às expectativas de ampliação da cidadania que trariam a reboque melhorias na educação e nos serviços urbanos para um grupo maior da população, o que permitiria a circulação dessas pessoas por outros espaços. Com a facilidade na circulação no espaço público dos centros urbanos, como o maranhense, por exemplo, já podemos perceber um ambiente mais dinâmico nas duas primeiras décadas do regime republicano.

Diante disso, temos em São Luís, como fatores para as novas relações estabelecidas no público e no privado a inserção dos indivíduos libertos com o 13 de Maio numa nova categorização, a de cidadãos, e suas novas condições de trabalho, lazer e moradia, além dos sinais de modernização introduzidos no cenário urbano nesse contexto. Na obra de Jose do Nascimento Moraes, o público e o privado podem ser caracterizados utilizando suas duas categorias correspondentes: a rua e a casa. E dentro dessas categorias, dois espaços significativos para a discussão sobre as dimensões de público e privado no romance são a esquina e a varanda.

“A rua é generosa”, já escrevia João Paulo Barreto, ou para os íntimos leitores, João do Rio, numa crônica que bem pode ser tomada como um elogio, um canto em louvor desta que é a veia por onde corre a vida, o sangue da cidade. A generosidade da rua bem que poderia ser exaltada pelo cronista por acolher bons e maus, pobres e ricos. Contudo, e, principalmente, tal louvor se justifica pela ousadia em abrigar e aplaudir o fraco, o infeliz, os “saltimbancos que, sem voz, rouquejam com

fome para alegrá-la e para comer” (Rio, 2007, p.26). Encontramos aqui o significado desse espaço tão bem explorado por Nascimento Moraes para o aplauso e a sobrevivência de sua literatura.

Moraes era, como João do Rio, um observador atento do seu cotidiano. Suas crônicas sobre literatura, política, sociedade ou simples amenidades representavam com muita atenção e cuidado o cotidiano da cidade e as relações de poder intrínsecas a ele.<sup>8</sup> Do mesmo modo, para a trama de *Vencidos e Degenerados*, recolhia “material” diariamente na cidade em que vivia a partir de sua observação, vivência, intenções e críticas às práticas políticas e sociais de sua época. Por isso, é tão clara na leitura do romance a impressão de se estar diante - e daí o subtítulo - de uma “crônica maranhense”. Assim como nós, ele também era um leitor. Um “leitor especial” da cidade<sup>9</sup>.

As práticas que definem os espaços público e privado na cidade de São Luís transbordam as tensões existentes entre o Estado e a sociedade. A normatização dessas práticas, no período estudado, está vinculada prioritariamente às leis que determinam as posturas dos indivíduos e aos jornais que as orientam e denunciam. Obviamente que pode haver uma eternidade entre o escrito e o praticado e essas intenções em manter a ordem e a limpeza para que o fluxo urbano se fizesse sem “incômodos” nem sempre logravam êxito. Nascimento Moraes também observava esses descompassos e sua narrativa é povoada de imagens a esse respeito. Ao elogiar a tranquilidade do bairro em que mora seu amigo Bento, Olivier ouve as reclamações do velho professor, pois, segundo ele, durante o dia os “quarteirões abrem apetite à gente, mas, à noite, Deus nos acuda! Esta quitanda aí da esquina põe em rebuliço a quadra! É um ponto de reunião dos peraltas e vagabundos desta cidade” (Moraes, 2000, p.86). Encontramos aqui um elemento significativo dentro do universo do espaço público na narrativa de Nascimento Moraes: a esquina. Esse ponto de cruzamento entre ruas serve de cenário para muitas ações dentro do romance.

A esquina é mostrada como o ponto de observação preferido de Moraes. Lá, seus personagens se “abrigam” para observar a vida que segue seu curso, discutir a vida alheia e apontar seus defeitos. Assim gostava de fazer nosso ilustre João Olivier: “Ele saiu caminhando pela Rua do Trapiche abaixo... E foi seguindo até a esquina da rua com o beco que vai ter à Rampa Campos Melo. Aí parou, apoiando-se com o chapéu, que a mão direita segurava, e metendo a esquerda no bolso da calça lançou um olhar observador em derredor...” (Moraes, 2000, p.58). Zé Catraia utilizava-se deste “ponto estratégico” para conhecer os pormenores do cotidiano ludovicense, assim contava a Cláudio Olivier:

---

<sup>8</sup> Compartilhamos aqui a ideia de representação formulada por Chartier que dá atenção às estratégias simbólicas que ordenam a estrutura social e organiza as posições e relações dos indivíduos. CHARTIER. *O mundo como representação*. In: *À Beira da Falésia*, 2002.

<sup>9</sup> PESAVENTO. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*: A historiadora designa como leitores especiais os fotógrafos, poetas, romancistas, cronistas e pintores da cidade.

- Pois bem, eu sou Zé Catraia. Sabe disso? Ora, quem dá importância ao Zé Catraia? Ninguém! Um bêbado que anda escorado pelas esquinas... um pobre diabo... como dizem os senhores que conhecem os termos da língua. Mas ah! É puro engano!... Eu tenho uma cabeça... Sabe o que me falta? É cultura... Mas... como eu ia lhe dizendo... Eu me encosto à esquina e ouço a conversa dos cabeçudos... (Moraes, 2000, p.146).

Nosso ilustre orador popular do romance de Moraes, ao mesmo tempo que crítica a inferiorização social que lhe é atribuída, tira proveito dela para munir-se de informações sobre as mazelas da sociedade em que vive. A associação do espaço público com a ameaça, não se trata apenas do risco de o indivíduo sofrer constrangimentos físicos, mas também de estar sujeito a tudo aquilo que o violento em sua imagem e em sua moral, pois “o espaço externo é o espaço da atividade no mundo, em que se tem constantemente de superar resistências, e armar-se diante do oponente; é o espaço do desabrigo, dos perigos e da exposição” (Bollnow, 2008, p.139).

A esquina tornava-se a própria ameaça para os transeuntes. Ou melhor, as pessoas que nela se postavam transformavam-se em “inquisidores” dos que por ela passavam. Risos, pilhérias ou simples olhares curiosos dos que as habitavam momentaneamente podiam significar toda sorte de constrangimentos para os que por ali passavam. Logo no início da trama vislumbramos seu destino, já que “nas esquinas com a Rua do Monteiro, em frente da casa de Maranhense, populares comentavam os boatos e notavam os que entravam e os que saíam daquela formidável assembleia em que se reuniam tão variados elementos” (Moraes, 2000, p.28). O próprio Zé Catraia confessa o uso preferido que faz deste espaço, ele, “um tipo muito ébrio... Vendo o coronel [que estava à janela], para bem na esquina... num cumprimento rasgado: - Coronel Barreiros! Respeitável capitalista... O coronel Barreiros, rápido, sai da janela... Zé Catraia ficara no canto, a resmungar quase entre dentes: - Se tu não corres, eu te dizia duas verdades e meia” (Moraes, 2000, p.155). Estes são exemplos interessantes da apropriação, dos diferentes significados que as práticas imprimem aos espaços.

Na cidade de *Vencidos de Degenerados*, a iluminação pública a gás trouxe uma modificação nas noções de tempo e no uso dos espaços durante a noite. As festas prolongavam-se noite adentro e as praças e ruas viam movimento até mais tarde. E as esquinas, cenário público que destacamos aqui, de dia ou de noite, são utilizadas por personagens de todos os grupos com uma liberdade e intimidade interessantes. O ponto onde ocorrem mais encontros, discussões ou apenas um deixar-se ficar, sozinho, para observação. Imagens que reforçam nosso entendimento sobre a vida de nosso autor, com seus passeios diários pelas ruas da capital maranhense que o colocavam em contato com os problemas e costumes de sua época. Seus escritos literários e jornalísticos são frutos dessa relação.

A sensação de abrigo, o ato de habitar, atribuída à casa, passa pela proteção confiável que esta proporciona tanto no que diz respeito às intempéries da natureza quanto à aproximação de pessoas estranhas que interrompem essa tranquilidade construída na relação com esse espaço. Observamos que, ao tratar do cotidiano de grupos populares, o texto de Moraes deixa claro o uso da moradia tanto para o descanso quanto para o trabalho. Para começar a ilustrar nossa discussão sobre o âmbito privado, peçamos ajuda ao português João Machado, de *Vencidos e Degenerados*, no tempo em que ainda não se importava que o chamassem de Paletó Queimado e possuía uma taverna no Beco do Precipício:

(...) E lembrando-se de fechar a taverna, o que começou a fazer pela porta em que se achava [disse, referindo-se aos negros que estavam bêbados]: - Antes que voltem com arrelia, o melhor é que me vá... E dá-se-lhe! Nem a patrulha do costume nem nada!...

O taverneiro se domiciliara mesmo no estabelecimento. A pedaço esmurravam-lhe a valer as portas; bradavam-lhe o nome e inúmeros apelidos e obscenidades. Ele saboreando um amarelo cigarro muito ordinário e barato, deitado numa rede... aplicara o ouvido para não perder um som, uma palavra. Só se levantaria se lhe pusessem as portas adentro” (Moraes, 2000, p.44).

Essa falta de tranquilidade vivenciada pelo taverneiro dentro da própria “casa” também era compartilhada pelos grupos mais carentes de várias cidades, tensões impostas inclusive pelo poder público. Nicolau Sevcenko analisa o processo de urbanização no Rio de Janeiro, à época da chamada Regeneração, ou seja, das reformas urbanas implementadas por Pereira Passos, no início do século XX, e mostra como o espaço privado dessas camadas mais baixas foi sendo retraído devido à nova política urbana, pois “os expunha à intromissão abrupta e ameaçadora da autoridade a qualquer hora e em qualquer lugar” (Sevcenko, 1998, p.544).

Como bem explica Roberto DaMatta, “ser posto pra fora de casa” traz um sentimento de desamparo sem consolo, pois significa que estamos “sendo privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de ‘amor’” (Damatta, 1997, p.50). As situações que se estabelecem em casa têm por princípio a harmonização das relações. E no contexto da São Luís de Moraes, o espaço a que mais se atribui esse sentimento de “carinho” e “consideração” é a varanda.

Nas casas térreas havia apenas a varanda voltada para o quintal e essa área assumia um caráter mais privativo, pois muitas vezes os espaços da frente eram reservados ao comércio (Brandão, 2008). Em São Luís do Maranhão, a varanda do lado de dentro da casa assume, geralmente, a função de sala de jantar. Esse ambiente que denota intimidade, tranquilidade e aconchego se faz presente durante toda a narrativa de *Vencidos e Degenerados*, não apenas ilustrando os espaços das casas dos personagens, mas identificando os tipos de relações que se

estabelecem entre eles. Ou seja, é um cômodo cujo uso demonstra bem as práticas que garantem privacidade e uma sociabilidade íntima no contexto ludovicense. Vejamos dois exemplos de como esse espaço aparece no romance:

[João Machado] tornou-se mais íntimo e a família acostumou-se àquela cara e, por último, já lhe não era preciso bater palmas, ele ia varando corredor adentro, com um simples - com licença - que não esperava resposta. Deixou de ser recebido na sala e passou a ser amigo da varanda. Era como se pertencesse à família” (Moraes, 2000, p.69).

“Pagas as dívidas, ainda lhe sobriam boas pelegas para acudir algumas compras necessárias.

– Um horror esta vida! – exclamou ele [João Olivier] em casa, fazendo as contas na varanda, depois do jantar, cercado dos seus (Moraes, 2000, p.89).

O ato de receber na varanda denotava intimidade e confiança para com o visitante, e mesmo em dias de festa, este espaço servia de qualificador dos convivas presentes. Nascimento Moraes descreve a sala como um ambiente intermediário entre a rua e os espaços mais íntimos da casa e que somente as camadas médias e a elite conseguiam construir as relações de tranquilidade permitidas pela divisão espacial da casa. A população pobre e os libertos e libertas viviam em cortiços e cubículos apertados em que, frequentemente, as funções exercidas neles tinham por separação apenas o horário.

Pensar o espaço dentro da sociedade, a partir de seus movimentos, de sua subjetividade, do domínio do simbólico, torna o processo de construção do saber histórico mais dinâmico e rico. Na compreensão dos espaços, o sentido é dado pelas práticas que engendram. Os usos os definem e transformam. Por isso, podemos pensar na perspectiva de uma modernização do espaço urbano ludovicense, ainda que suas estruturas físicas não sofram alterações significativas para o ideal concretizado com as reformas urbanas de muitas capitais na transição do século XIX para o XX, a partir dessa mudança de atitude diante do urbano. É principalmente a renovação dos códigos comportamentais que traz o possível “progresso” para a capital maranhense.

O que nos chama atenção na obra de Nascimento Moraes é que as transformações trazidas pela República, as ideias, as aspirações e os valores compartilhados pelos intelectuais de seu tempo, são diluídos num discurso que tem o objetivo claro de denunciar as mazelas sociais de sua gente. Os vencidos a que ele se refere são os que sofreram a derrota das expectativas, aqueles que não conseguiram “ganhar” com as mudanças do novo regime, ou seja, todos aqueles que não puderam usufruir das promessas feitas pelos porta-vozes do progresso. O autor nos mostra uma modernização pensada, sonhada para sua terra através do discurso científico e literário, com a presença daqueles que representam esse saber. Problematisa acuradamente as “faltas” para propor um caminho a ser seguido.

O personagem Cláudio Olivier, com uma percepção tão apurada quanto a de seu pai adotivo, o ilustre jornalista João Olivier, sintetiza a situação de crise econômica e atraso cultural quando, num canto, observa o comportamento dessa sociedade. E assim reflete:

(...) o que se passava nos bailes, princípios de rotina, nos quais se prendia a sociedade em que ele vivia; antigos defeitos de educação, vícios e hábitos inveterados de um meio que não se modifica, os quais, a despeito da transformação de caráter radical que vai se operando em todo o país, persistem e resistem à ação do progresso e da civilização (Moraes, 2000, p.159).

Esse não desligamento em relação ao passado, essa atmosfera de decadência econômica, assim como a precariedade dos serviços urbanos, essa falta de educação para a maioria da população, denunciadas em *Vencidos e Degenerados*, convivem com as transformações sutis que os novos tempos trouxeram e que interferem diretamente no comportamento dos indivíduos.

## 5 REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Adriana Gama de. **Em nome da cidade vencida: A São Luís republicana** em José do Nascimento Moraes (1889 – 1920). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2011.
- ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Escrevendo e cartografando a cidade do Recife na passagem para o século XX**. Cahiers des Amériques Latines 48-49, 2006.
- ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Recife, Culturas e Confrontos: as camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911**. Natal: EDUFRN, 1998.
- BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora da UFPR, 2008.
- BORRALHO, José Henrique de Paula. **A Athenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009. (Tese)
- BRANDÃO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Angela Maria Moreira. O modo de vida oitocentista visto da varanda. Rio de Janeiro: **Revista19&20**, v. III, n. 4, out. 2008.
- CÂMARA, Paulo Roberto Pereira. **Trabalho e Rua: dinâmicas do trabalho no mundo da rua**. Revista Outros Tempos. UEMA: Vol. 5, n. 6, dez. 2008.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2001.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **À Beira da Falésia**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CORREIA, Maria da Glória Guimarães. **Nos fios da trama: quem é essa mulher? Cotidiano e trabalho no operariado feminino em São Luís na virada do século XX**. São Luís: EDUFMA, 2006.
- DaMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. (Seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro). São Paulo: EDUSP, 2001.
- MACHADO NETO, Antonio Luís. **A Estrutura Social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira (1870-1930)**. São Paulo: Grijalbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- MACHADO, Nauro. **Esferas Lineares: 4 Estudos Maranhenses**. São Luís: SECMA, 1996.
- MARTINS, Manoel Barros. **Operários da Saudade: Os Novos Atenienses e a Invenção do Maranhão**. São Luís: Edufma, 2006.

## HISTÓRIA E CULTURAS

- MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista:** São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- MELO, Maria Cristina Pereira de. **O bater dos panos:** um estudo das relações de trabalho na indústria têxtil do Maranhão (1940-1960). São Luís: SIOGE, 1990.
- MORAES, José do Nascimento. **Vencidos e Degenerados** (chronica maranhense). Maranhão: Typographia Ramos d'Almeida & Comp. Sucessores, 1915.
- MORAES, José do Nascimento. **Vencidos e Degenerados.** São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000. 4ª Ed.
- PAMUK, Orhan. **Istambul:** memória e cidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PESAVENTO, Sandra J. **Uma outra cidade:** o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- PESAVENTO, Sandra J. **Muito além do espaço:** por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.08, n.16, 1995.
- PORTO, Augusto (org). **Publicações da Câmara municipal de São Luís:** coleção de leis e resoluções municipais (1892-1909). Maranhão: Typ. do Diário do Maranhão, 1910.
- RIBEIRO Jr, José Reinaldo Barros. **Formação do espaço urbano de São Luís: 1612-1991.** São Luís: edições FUNC, 1999.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **Retrato em branco e negro:** jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). **História da Vida Privada no Brasil.** vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

